

FORMAS DO DISCURSO RELATADO NA ESCRITA ACADÊMICA

Maria Aparecida da Silva MIRANDA (UFRN)

mirandamas@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Neste trabalho tomamos como objeto de estudo, o uso de *glosas enunciativas* como estratégias de exposição do discurso “outro” na escrita de dissertações de mestrado, sobre os gêneros do discurso para analisar como se dá a constituição de um lugar enunciativo do sujeito na escrita do texto acadêmico. A partir dessa análise, serão levantadas marcas da enunciação que velam ou desvelam o posicionamento do sujeito enunciador.

Limitamo-nos aos diferentes modos de negociação do sujeito na lida com outros discursos a partir de formas sintáticas do discurso relatado (discurso direto e do discurso indireto, uso de aspas e do itálico) na forma de *glosas enunciativas* que, materializadas na escrita, produzem efeitos de sentido como o princípio da alteridade discursiva.

Desse contexto indagamos: como o uso de “glosas enunciativas” vela ou desvela formas de envolvimento do sujeito enunciador com o *outro* em seu escrito?

Nos discursos ditos científicos há um processo discursivo complexo, estabelecido pela tradição discursiva acadêmica, em que o sujeito enunciador empreita uma luta particular que envolve maneiras discursivas de lidar com palavras vindas de outros discursos, para construir o efeito de sentido pretendido. Sinalizando-as no discurso por meio de “aspas”, de “itálico” ou de comentários na forma de “glosas enunciativas” - marcas que sinalizam a representação do discurso do outro.

As glosas enunciativas, enquanto fenômenos da reflexividade da linguagem se encontram no campo da metadiscursividade (discurso sobre o discurso). Temos como princípio, operações que delimitam o campo da representação do discurso outro, observáveis por meio da presença de glosas que em momentos pontuais da enunciação o dizer se desdobra reflexivamente, fazendo intervir o “outro” na forma explícita ou não. Como pontos de heterogeneidade mostrada ou não mostrada, atividade de comunicação de *controle-regulagem* – produz como efeito a “denegação” do dizer no próprio discurso de um dizer mencionado, comumente conhecido como “discurso citado” (AUTHIER-REVUZ, 1982, p. 36).

Elegemos como objetivos: a) inventariar e analisar formas linguísticas, como glosas enunciativas velam ou desvelam o posicionamento do sujeito com seu escrito; b) analisar como o uso de “glosas enunciativas” indicia uma posição subjetiva do sujeito na escrita acadêmica.

A hipótese é a de que, é possível mapear no fio do discurso marcas enunciativas que velam ou desvelam o posicionamento enunciativo do sujeito com seu escrito, podendo ser observadas a partir do modo como o pesquisador mobiliza discursos outros e organiza-os na escrita. Movimento que faz emergir uma polifonia sustentadora do dizer, que em momentos, pontuais da enunciação, as vozes se entrecruzam estabelecendo relações de afirmação, negação e contradição da própria enunciação.

Tomamos como *corpus* duas dissertações de mestrado da área de linguística que abordam conceitos de gênero do discurso, selecionadas do portal domínio público – CAPES, sendo, uma dissertação defendida em 2005 e a outra defendida em 2007.

Para observar na escrita o uso de glosas enunciativas, serão selecionados do *corpus*, excertos que explicitem como essas formas linguísticas de representação e/ou reformulação do discurso outro no decorrer do discurso. Enfim, estamos falando das duas heterogeneidades,

irredutíveis e indissociáveis uma da outra: a heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva. Presença fundadora de uma exterioridade discursiva que constitui o discurso em seus atravessamentos enunciativos que regulam e controlam os discursos científicos.

Movimento que constitui os diferentes modos de o sujeito lidar com o outro na escrita acadêmica para produzir efeitos: a objetividade e a subjetividade, configurando-se como indícios das seguintes posições enunciativas do sujeito em seu escrito:

- *tradutor* - nessa posição enunciativa o sujeito ao fazer uso do discurso indireto se comporta como tradutor. Ele usa suas próprias palavras, remete a um “outro” como fonte do “sentido” dos propósitos que ele relata. Assim, a tradução é a operação que se volta ao apagamento da polifonia própria da linguagem.
- *porta-voz* – nessa posição o sujeito busca transcrever as palavras que compõem o outro discurso para compor um novo discurso. Apoiar-se em sua experiência discursivas para construir uma unidade aparente de sentidos.
- *autor* – nessa posição, o enunciador se interroga a respeito das diferenças representativas de sentidos de um enunciado, sabe lidar com a linguagem científica dos outros discursos de seus propósitos enunciativos – sabe qual imagem faz do próprio lugar e do lugar do outro na construção de sentidos.

Na linguagem o equívoco é um fato estrutural, motivo no qual "todo enunciado é intrinsecamente suscetível de se tornar em outro enunciado, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro" (PÊCHEUX, 1990: 53).

Para o trabalho de análise selecionamos excertos que apresentam em sua estrutura enunciativa, formas linguísticas que se mostram ou não para o leitor, como fronteiras enunciativas do dizer do outro no discurso. A partir dessa escrita, investigamos como o uso glosas enunciativas que materializadas na escrita mostram ou encobrem o posicionamento do sujeito em seu escrito. Denominamos as dissertações como: PF/1 2005 e PF/2 2007 (Pesquisador em Formação 1/2005 e Pesquisador em Formação 2/2007).

Fundamentamos nos postulados da linguística da enunciação a partir dos pressupostos teóricos desenvolvidos por Authier-Revuz (1998; 2004; 2011) no que concerne à heterogeneidade enunciativa, sob a forma de glosas enunciativas do discurso relatado. Elementos linguísticos que expressam, de certo modo, a inscrição do outro (em termos de aspectos exteriores à língua no próprio sistema linguístico), que só poderia se dar por meio da língua nas formas de não coincidências do dizer.

Formas que a autora toma como princípio norteador na construção de sentido do discurso, mobilizadas pelo produtor do texto ao se posicionar ou não sobre um já dito e, conceito de “forma-sujeito do discurso” desenvolvido por Pêcheux (1997). O que leva a crer que toda palavra é habitada pelo já dito, visto que o discurso se constrói pelo atravessamento de outros discursos.

Embora a academia defenda a objetividade e neutralidade do sujeito enunciador na escrita, levamos em conta a pontuação de que, ao escrever, o sujeito é convidado a lidar com os “outros” discursos no próprio discurso. Movimento que se realiza a partir das escolhas por determinadas estratégias linguísticas que, uma vez executadas pelo pesquisador em formação, incidem colaborativamente na confecção do texto ao deixar marcas que podem ser inventariáveis como indícios de constituição de um lugar enunciativo do sujeito com o discurso científico.

Consideramos, então, a ideia de que há uma escrita que vem de outra escrita, um pedaço de escrita é uma escrita ou que há na escrita um posicionamento enunciativo daquele que ao escrever se mostra em alguns momentos, e em outros momentos não se mostra. Ou que há formas linguísticas de se inscrever e inscrever o outro na enunciação, umas mais explícitas e outras menos explícitas.

A partir da análise de *glosas enunciativas*, pode-se inventariar como se constitui o posicionamento enunciativo do sujeito na escrita que nem sempre é perceptível na linearidade do discurso, mas que pode ser investigado a partir de marcas linguísticas. A questão do lugar dado ao outro no discurso deve ser entendida como o lugar das formas sob as quais um discurso designa, na linearidade de sua cadeia, pontos de heterogeneidades em que dá lugar ao mesmo tempo, em que circunscreve à presença do outro. Esse outro deve ser visto em dois níveis – heterogeneidade mostrada e heterogeneidade não mostrada. Trata-se de um movimento, no qual o sujeito precisa saber lidar com estratégias linguísticas que possibilitem a criação de outro discurso, tendo como fio condutor um já dito que de forma harmoniosa produz novos sentidos.

Do ponto de vista linguístico da descrição das formas de heterogeneidade mostrada no discurso, observamos que as glosas alteram a unicidade aparente da cadeia discursiva, aquela construída pelo sujeito no momento do acontecimento (produção do texto): o *outro* se inscreve conforme as modalidades: aspas, citação direta etc. Authier-Revuz (1990) apresenta estas formas da heterogeneidade mostrada: a) antonímia simples – determinado enunciado é “retirado” de um lugar e remetido a outro com ruptura sintática. b) conotação autonímica – nesse caso, o fragmento designado como “outro” integra-se na cadeia discursiva, sem ruptura sintática.

Nesse movimento de tessitura do texto acadêmico, o sujeito é convocado a assinar, como seus, discursos “outros”, ou seja, discursos que já foram ditos, cabendo a ele, saber lidar com formas de organização do discurso que envolve estratégias linguísticas de negociação e (re) significação de um dizer “outro”, fazendo emergir desse coletivo de outros dizeres, uma escrita singular àquele que escreve. Trata-se de um processo complexo de construção de um dizer reflexivo que produz como efeitos uma posição enunciativa pretendida, podendo se constituir a partir de outros saberes, visto que para além de um dizer, existe um saber que diz, há um sujeito do inconsciente que, em momentos pontuais pode aparecer no fluxo da frase que o interrompe, desestabiliza produzindo outros significados.

1. Toda escrita vem de outra escrita que vem de outra escrita maior?

Posicionar-se diante do outro discursivamente em seu escrito - mostrar-se, não mostrar-se -, manter-se a distancia, encobrir, descobrir algo sobre o que se disse e, sobre o que se diz. São ações intrínsecas do ato de escrita, às escolhas que se faz por estratégias linguísticas que “velam ou desvelam” uma posição enunciativa daquele que escreve – Guiando-nos pela epistemologia da palavra “desvelar”, o prefixo (des) significa, segundo o dicionário Aurélio - zelar com muito cuidado, tratar com desvelo, com todo o carinho – enquanto que o verbo “velar” oriundo do latim “vigilare” tem valor de operação inversa à expressão “desvelar”.

A forma desvelar pode, então, significar segundo o dicionário de língua portuguesa Aurélio - tirar o véu, descobrir, revelar, mostrar. E “velar”, encobrir o véu. Ao velar ou desvelar o enunciadador age como se estivesse vivenciando certa situação que pretende deixar implícita ou explícita aos olhos de seu leitor.

Na escrita acadêmica o sujeito segue um ritual que precisa cumprir uma demanda institucional. Assim, aquele que escreve está sob a condição de aluno, sob a orientação de um professor, obrigado a cumprir prazos e, em certa medida, corresponder às expectativas com relação à qualidade do trabalho, tendo em vista uma equalização entre o produto apresentado e o seu nível de escolaridade dos sujeitos envolvidos.

Trabalho que exige daquele que se dispõe a escrever a possibilidade de sempre (se) reler e se reescrever ao tecer os fios de escrita. O sujeito vale-se da heterogeneidade mostrada como atividade de *controle-regulagem* da comunicação (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 16)

que ilusoriamente controla os efeitos de sentido da presença do “outro” em seu discurso. Trata-se de um processo tenso do sujeito para produzir sentidos. Uma atividade que envolve modos de regular o dizer e, se colocar na linguagem a partir de suas escolhas linguísticas que, ilusoriamente faz intervir estruturalmente sobre o dizer, pois não há, somente, a complexidade que envolve o ato de escrever, mas um trabalho de escrita que compreende um ritual acadêmico, qual seja, lidar com o “outro discurso” para entender e se fazer entender. Movimento em que o sujeito garante como efeito, consciente ou inconsciente, que o resto do discurso é todo seu. Isto é, ao se circunscrever na alteridade discursiva o sujeito garante uma “unidade aparente” ao discurso.

Na escrita do gênero científico há a tradição de objetividade e imparcialidade. Porém, nada mais são que efeitos de sentido. Isso pelo fato de que o sujeito da enunciação faz uma série de escolhas linguísticas, tendo em vista os efeitos de sentido pretendidos em seu texto. Ao fazer uso das formas sintáticas do discurso relatado o sujeito (locutor) se comporta como *tradutor*, *porta-voz* ou *relator* do discurso outro (AUTHIER-REVUZ 2004, p. 12). Isso porque ao escrever ele faz uso de suas próprias palavras para remeter ao outro discurso como fonte de sentido dos propósitos que relata.

No fio do discurso que, real e materialmente, um locutor *único* produz, certo número de formas, linguisticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso, inscrevem, em sua linearidade, o *outro*. Essa costura aparente do dizer, marca na enunciação níveis de objetividade versus subjetividade. Níveis de heterogeneidade que decorrem da oposição de efeitos de sentido, de aproximação e de distanciamento da linguagem. No sentido de que, quanto mais distante o enunciador se apresentar nos enunciados (sem marcas de envolvimento) o texto será considerado objetivo, neutro e justo, são apenas efeitos de sentido. De modo que, é praticamente impossível reproduzir um ato de enunciação tal como ele ocorreu. Isso porque o tempo e o lugar da fala não são passíveis de reprodução exata (AUTHIER-REVUZ 1998, p. 107).

1.1 Posição enunciativa subjetiva, sujeito enunciador *porta-voz* de um dizer do outro?

Todo discurso será constitutivamente atravessado por “outros discursos” (dialogismo) e pelo “discurso do Outro” (psicanálise/inconsciente). Diferente das formas de heterogeneidade mostrada, o outro aqui, deixa de ser um objeto (exterior daquele que fala) e passa a ser uma condição para o discurso de um falante que não é fonte primeira de dado enunciado. Desse modo, a presença do “outro” no nível da frase ou do discurso pode ser detectável a partir de formas sintáticas do discurso relatado, como glosas enunciativas que designam na estrutura da frase “um outro” ato de enunciação. Processos que constituem uma espécie de *metadiscurso ingênuo*, comum, explicitando uma “alteridade” discursiva do sujeito ao fazer uso de palavras inscritas no fio do discurso. O sujeito mostra as palavras e delimita as extremidades teóricas do outro no discurso.

O processo de identificação do sujeito de inscrição no próprio discurso, marcado em seus atravessamentos pelo Outro/outro, como ilusão referencial para se constituir no discurso científico, possibilita-nos, explicar o modo pelo qual o sujeito se constitui na ilusão da evidência de si mesmo e, dos sentidos como formas de negociação com o discurso outro.

O sujeito na posição enunciativa de “porta-voz” utiliza como estratégias linguísticas formas sintáticas do discurso relatado, com rupturas sintáticas ou não, como “glosas enunciativas”- para marcar no discurso, fronteiras de seus exteriores teóricos para explicitar que as palavras enunciadas não são as próprias, mas são palavras vindas do outro para ocupar o tempo – e o espaço –, são claramente recortadas do outro discurso e citadas na frase - o locutor se apresenta como simples “porta-voz”. Sob essas duas diferentes modalidades, o locutor dá lugar explicitamente ao discurso do outro no próprio discurso.

Uma heterogeneidade mostrada como representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva de seu discurso. Ela marca o discurso, criando um mecanismo de distância entre o sujeito e aquilo que ele diz. Negação que ocorre sob a forma de denegação do próprio dizer, isto é, um mecanismo de defesa em que o sujeito se recusa a reconhecer determinado pensamento como seu, mesmo que tenha sido expresso em uma situação anterior.

Estamos considerando a representação explícita (formas do discurso relatado), estruturas do tipo: “*Como diz x*” – “*Para X*” - glosas enunciativas explícitas que marcam pontos em que o enunciador (pesquisador) encontra o “não-um” no próprio dizer, como sendo -“glosas que *desvelam* enunciadores, e para as glosas metaenunciativas do tipo menos explícitas sem marca de ruptura sintática, como as que *velam* enunciadores.

Para verificar os diferentes modos de representação do outro na escrita desses pesquisadores, selecionamos um excerto - PF1/2005.

Excerto (1) - PF1/2005

*Como afirmam Brait & Rojo (2002: 7), “as práticas e atividades (de linguagem) que têm lugar nas diferentes esferas de atividade não são as mesmas – ainda que, às vezes, possam ser parecidas e estejam relacionadas às de outras esferas – e não são os mesmos os textos orais e escritos e a linguagem que nelas circulam”. Em outras palavras: cada sociedade se organiza por práticas sociais que definem um conjunto de atividades a desempenhar e essa organização social, como defendem as autoras, é diferente de lugar para lugar, de época histórica para época histórica, de cultura para cultura. É **na** e **para** a instituição escola, por exemplo, que o aluno vai entrar em contato com certas práticas sociais: responder a chamada, fazer provas, escrever redações, apresentar seminários etc. E também é **nesta** e **para** esta esfera que vão surgir gêneros do discurso diversos, sempre sujeitos a mudanças, como: carteira de estudante, boletins, relatórios, provas, agendas escolares, aulas, atlas, livros de caligrafia, cartilhas, tabuadas, livros didáticos, apostilas, seminários etc. (o destaque em negrito / texto original, p.30) (nosso destaque são os grifos)*

Podemos observar no excerto do PF1/2005 que há uma ruptura sintática no discurso, provocada pelo uso da glosa enunciativa *Como afirmam Brait & Rojo (2002: 7)*, a glosa é mobilizada como estratégia para inserir a voz do “outro” através da citação entres aspas, sinais tipográficos que marcam na escrita o discurso “outro. Ao fazer isso, ele referencia o discurso do outro, sob a forma de uma glosa enunciativa - *Como afirmam Brait & Rojo (2002: 7)*. Como pode-se perceber, em um ponto do dizer o discurso se quebra para dar lugar ao *não-um*, de modo que, o outro se fazer presente no discurso. Pois o discurso em seu transcorrer é localmente afetado pelo outro. Esse outro, exterior ao discurso do *um* passa a operar o discurso.

Trata-se de um ritual acadêmico usado para inscrever o outro na linearidade do discurso, sob a formulação citada - palavras vindas de outro discurso, inseridas num fio único do discurso. Uma heterogeneidade mostrada sob a forma de uma *glosa enunciativa* de representação do discurso outro, no próprio discurso. Essa forma linguística rompe sintaticamente o discurso que se desdobra, enunciando uma voz “do exterior” que se faz presente. Ele marca explicitamente, como exteriores teóricos (espaço e tempo de enunciação), como se estivesse controlando o jogo de palavras que vem do outro. Esse modo de inserir o *outro* discurso no discurso, produz como efeito uma posição enunciativa de afastamento ilusória de exterioridade em relação ao dizer do outro.

No enunciado há ruptura metaenunciativa que aparece na sua dimensão linear do discurso, marcada por uma glosa tipográfica - correspondente ao jogo de representação do outro, com palavras vindas “do exterior”- localmente isoladas pelas “aspas” no enunciado. Enuncia-se palavras pertencentes a outro discurso, exterior ao discurso do PF1/2005 - “*as práticas e atividades (de linguagem) que têm lugar nas diferentes esferas de atividade não são as mesmas – ainda que, às vezes, possam ser parecidas e estejam relacionadas às de outras esferas – e não são os mesmos os textos orais e escritos e a linguagem que nelas circulam*”. Esse modo delimitado de marcar no discurso, outro ato de enunciação, na qual a glosa metaenunciativa de reformulação assinala, localmente, a imagem do outro que se coloca na enunciação, como não traduzido, como fragmento conservado do discurso de origem. Observa-se como efeito de sentido em, que há uma posição enunciativa “desvelada”, a de que as palavras que se enunciam não são as minhas, são as do “outro”, “eu as cito aqui”. há um distanciamento ilusório.

Interpretamos, ainda, que o enunciado colocado entre aspas do PF1/2005, mostra-se ilhado pelas *aspas*, implica uma qualidades ao discurso enunciado de pertencimento a *um outro*, exterior ao discurso. Implica também, comprometimentos do locutor face ao que diz. Pois, ao acrescentar “palavras do outro” no discurso, é ele (PF1/2005) quem decide qual fragmento deve ser introduzido no discurso, e qual estratégia mais apropriada a ser empregada, garantindo, assim unicidade aparente ao discurso.

Com efeito, o emprego dessas formas linguísticas, com ruptura sintática, ou não no plano da frase, potencializa na enunciação, o compromisso do sujeito frente ao que está sendo referido e contextualizado. No que direciona o trabalho interpretativo do leitor, sobre o contexto no qual se figura o discurso citado.

A glosa metaenunciativa de desdobramento do dizer, *Em outras palavras* – interpreta-se como um enunciado que aparece conector de reformulação do discurso de PF1/2005, suspendendo reflexivamente o curso do dizer para retomar um referente, já dito enunciado para explicar o próprio discurso. Como se vê, há uma posição enunciativa “velada”, mas interpretável no nível da enunciação.

Observamos PF1/2005 no transcorrer do discurso uso a glosa “*como defendem as autoras*” o que faz romper o curso normal do enunciado para retomar o discurso do outro. Um já dito “fora do discurso”, mas que se faz presente pelo mecanismo clássico de reformulação retórica do discurso relatado, pois possibilita recuperar o referente no plano da frase. Como efeito, marca certo distanciamento do sujeito no discurso.

Acrescentemos, ainda, a observação em relação às palavras colocadas em negrito, *na e para - nesta e para* – assim como as aspas rompe a trajetória da enunciação, fazendo intervir o “outro discurso”, no discurso. As palavras em negrito em negrito diz algo do outro que ressoa como “ecos” de uma voz exterior que é retomada na enunciação por movimento enunciativo marcado sem extremidades teóricas, mas que pode ser referenciado no próprio discurso. Vejamos *Como afirmam Brait & Rojo (2002: 7)*, “*as práticas e atividades (de linguagem) que têm lugar nas diferentes esferas de atividade não são as mesmas – ainda que, às vezes, possam ser parecidas e estejam relacionadas às de outras esferas – e não são os mesmos os textos orais e escritos e a linguagem que nelas circulam*”. *Em outras palavras: [...], como defendem as autoras, [...]. É **na e para** [...]. **nesta e para** [...]*. O pesquisador mobiliza diferentes estratégias para recorrer à voz do teórico e sustentar seu discurso. Recurso que indicia certo distanciamento do sujeito em relação a que se enuncia. O pesquisador se mantém a distância do ato de enunciação, mas participa da cena enunciativa em seu escrito, visto que é ele quem faz o “outro” intervir em seu discurso.

Observa-se que há uma voz exterior que dialoga com uma voz interior no discurso que, na sua trajetória, a enunciação é interrompida em momentos pontuais do discurso fazendo intervir o outro exterior na forma de glosas metaenunciativas. As glosas se

desdobram reflexivamente, concedendo destaque a determinados elementos do intradiscurso em que se realiza, ao mesmo tempo, a marcação do pré-construído como manifestação do dado incontornável, como exterior discursivo incluído em uma interdiscursividade.

Em suma, colocar outro ato de enunciação no discurso, por meio de glosas enunciativas, possui a especificidade de fazer menção explícita a ou não a *outro* ato de enunciação - a eles cabendo, a denominação de não coincidências do dizer. O pesquisador, nos exemplos citados, utiliza formas linguísticas em que o dizer se desdobra explicitamente para representar na enunciação, pontos de extremidades teóricas de vozes que se enunciam como autoridades da comunidade discursiva da qual participa.

1.2 O uso de marcadores argumentativos aponta como efeito, marcas que velam?

O princípio da heterogeneidade enunciativa parte do pressuposto de que a linguagem é heterogênea na sua constituição e, conseqüentemente o discurso, devido a sua materialidade e natureza linguística a heterogeneidade constitutiva não se apresenta na organização linear do discurso, pois sua alteridade não é revelada, permanecendo no interdiscurso. E a heterogeneidade mostrada, por sua vez, traz marcas da presença do outro na cadeia discursiva, manifestando a alteridade ao longo do discurso, tornando-a possível de ser analisada na superfície do texto.

As formas de heterogeneidades mostradas não são um espelho de uma realidade incontestável da heterogeneidade constitutiva do discurso – reflexividade e, pontualmente dando lugar ao outro no discurso, mas não é independente. Ela corresponde a uma forma de negociação daquele que escreve com a heterogeneidade constitutiva (AUTHIER-REVUZ 2004, P. 69).

O discurso direto (DD) não é nem objetivo nem fiel: “mesmo quando cita textualmente [...], ele não pode ser considerado como ‘objetivo’, na medida em que reproduzir a materialidade exata de um enunciado, não significa restituir o ato de enunciação” (AUTHIER-REVUZ 1998:134). O discurso relatado (DR) retrata não só, uma frase ou um enunciado, mas sim, um ato de enunciação. Assim sendo, “há em discurso direto uma ficção de apagamento, uma ostentação de objetividade no “eu cito” [...]; esta será sempre, inevitavelmente, parcial e subjetiva” (Authier-Revuz 1998:149).

Pudemos verificar que o sujeito enunciator faz uso de glosas enunciativas, fazendo revelar seus exteriores teóricos (os outros discursos), discursos já existentes, no discurso. Ele usa estratégias para revelar que o discurso não lhes pertence, mas que quer trazê-lo para o discurso. Para isso, faz uso de formas linguísticas, como – aspas – itálico – negrito, como estratégias de citações. Revelando ao leitor que o discurso que segue, na escrita, pertence ao outro discurso. Ou seja, faz uso de glosas enunciativas para marcar as extremidades teóricas. O que é classicamente, constitutiva na atividade de discriminação, em direção ao exterior, de conhecimentos científicos já produzidos e em circulação no interior de uma comunidade de fala.

Passamos à análise do excerto do PF2/2007

Excerto (2) PF2/2007

O processo de tipificação dos gêneros nas sociedades atua como um aspecto organizador dos discursos nas atividades, de modo a auxiliar o engajamento dos falantes nas práticas sociais mediadas pela linguagem. É por meio do reconhecimento da forma tipificada do gênero [...]. Podemos dizer que a tipificação é o que permite ao falante o engajamento em práticas sociais familiarizadas em sua memória, daí sua economia cognitiva. (p.15,

reduzimos o último parágrafo)

Os gêneros discursivos funcionam como afirma Todorov (1978: 50-1), como “horizonts d’attente” (horizontes de expectativa) para os leitores e “modèles d’écriture” (modelos de escrita) para os autores. Os gêneros do discurso estão, assim, conectados e organizados nessa rede de atividades discursivas que permite aos falantes atingir objetivos definidos na sociedade. Essa organização tende a se tornar cada vez mais complexa, à medida que as práticas sociais se intensificam. Para Bakhtin (2003), os gêneros do discurso são tão multiformes quanto os campos de atividade humana. Atualmente, por exemplo, observamos uma explosão de gêneros do discurso ligados às recentes práticas sociais discursivas da Internet. O espaço virtual tornou-se fonte profícua para a formação de novas organizações de atividades sociais mediadas pela linguagem e, conseqüentemente, de novos gêneros do discurso. (Cap. R. Teórico, 1º parag. 1º p. 16 - grifos nossos).

Verificamos que o pesquisador PF2/2007 utiliza a glosa - *Como afirma Todorov (1978: 50-1), Bakhtin (2003) explicitamente marcada para inserir a voz do “outro” no discurso.* Há uma ruptura sintática que marca na escrita o discurso “outro”, delimitando o tempo e o espaço de um já dito. O uso desse tipo de glosa na escrita dos trabalhos de pesquisa tem como função inserir no discurso de um (pesquisador), o dizer do “outro”. Um dizer que faz parte de um “outro” discurso, marcado na escrita do pesquisador por meio do discurso direto (DI).

Expressa como efeito de sentido que há um *outro* que fala antes em outro lugar, fazendo-se presente na enunciação - a outra voz sendo convocada pelo enunciador no discurso. No exemplo, a glosa - *“Como afirma”*, evidencia e, nos leva a compreender que não é o pesquisador que fala (há um apagamento da sua voz). Trata-se de uma voz do teórico “autoridade” que ele emprega para validar seu discurso.

Podemos inventariar como o emprego de alguns marcadores discursivos que mobilizados na escrita pelo o pesquisador, evidencia o jogo de vozes que constitui o tecido discursivo. O pesquisador apoia-se no discurso do outro para instaurar o diálogo com o discurso anterior, numa unidade de ideia.

Isso pode ser comprovado a partir da análise das glosas enunciativas que pontualmente aparecem e interrompe o curso normal do discurso, retêm o tempo de fechamento da enunciação - *Como afirma Todorov (1978: 50-1), Bakhtin (2003) [...] Podemos dizer – [...] “horizonts d’attente” [...] (horizontes de expectativa) [...] para os leitores [...] “modèles d’écriture” (modelos de escrita) [...] para os autores. [...] estão, assim. [...] - Essa, [...] à medida que [...] Atualmente, por exemplo [...] observamos [...] tornou-se [...].* Como se vê, há uma suspensão do fio sintático do enunciado no desenrolar do discurso que é contido e suspenso em seus rompimentos metaenunciativos. Movimento que um referente no fio do discurso, marcado pela glosa - *Como afirma Todorov (1978: 50-1), Bakhtin (2003)* - que opera uma articulação referencial de unidade sequencial, aparente na linearidade do discurso com seu outro. Uma exterioridade reflexiva, materializada na escrita por seus desdobramentos enunciativos, faz intervir a presença do “outro” no discurso.

Destacamos algumas glosas enunciativas, evidenciadas pelo uso das aspas e do uso de parênteses que exteriorizam a heterogeneidade de vozes no texto - *“horizonts d’attente” (horizontes de expectativa) [...] “modèles d’écriture” (modelos de escrita).* Tais glosas metaenunciativas, demonstram o modo como o pesquisador se posiciona em seu texto. Desse modo, as expressões em destaques mostram as heterogeneidades de vozes no texto e, por meio dessas vozes à posição enunciativa velada do pesquisador com seu escrito.

Essas expressões designam, em tal fragmento como pontos de heterogeneidades: mostrada e constitutiva, em que aquele que escreve não é tido como fonte consciente de um sentido que ele traduz, nas palavras de uma língua, mas constitutivamente falando pelas

palavras do “outro”. Na escrita acadêmica, é um ritual, é extremamente, importante para aquele que escreve estabelecer no discurso certa relação de sentido, entre a teoria lida, e aquilo que escreve de forma a articular, gerenciar as diferentes vozes que os rodeia, para imprimir algo de seu, na escrita.

Considerações

Iniciamos este trabalho interrogando a respeito de como o uso de “glosas enunciativas”, em específico as relativas às formas sintáticas do discurso relatado, (aspas, itálico e do discurso direto (D D) e do discurso indireto (D I)), velam ou desvelam uma posição enunciativa do sujeito com seu escrito.

A análise da escrita das dissertações de mestrado (PF1/2005 e PF2/2007), aponta que ao escrever o “enunciador” produz a figura de um sujeito que ocupa diretamente uma posição de domínio, de exterioridade, em relação ao seu dizer. Com efeito, ao representar pontos do discurso como localmente afetado pelo *não-um*, o enunciador circunscreve o fato da não coincidência a esses pontos, a ideia de que “o resto”, as outras palavras, como derivando do *um*.

Para além de produzir textos com correção formal, aquele que escreve precisa dar provas de que depreende as posições enunciativas veiculadas de enunciados ao legado cultural a que precede sua formação - saber lidar com estratégias para dizer o já dito de modo a sustenta um ponto de vista. Habilidades que não são inatas, ao contrário são desenvolvidas.

Na escrita acadêmica, o discurso do pesquisador está sempre incorporado de outros dizeres, assim, o pesquisador precisa saber como gerenciar as diversas maneiras de uso de outras vozes que dialogam no texto que produz, sendo necessário manter um entrelaçamento dessas vozes no texto, para não ocorrer à supervalorização da voz do outro e o apagamento da voz do pesquisador.

Não basta ao aluno, apenas recorrer ao discurso do outro em forma de citação de discurso direto (DD, entre outros), se essa citação não vier acompanhada de uma ampliação do potencial, não só de conhecimento (mas também de criação) ou que transcenda a mera citação, sem negar o poder que esse outro tem como agregação do saber, mas também estabelecer um diálogo que promove e, ao mesmo sustenta uma discursividade com as leituras realizadas.

Em suma, as formas do discurso relatado atuam no texto a serviço da subjetividade/objetividade no discurso, o que comprova a importância de estratégias linguísticas para construção de uma subjetividade que se manifesta no fio do discurso de forma velada ou desvela a posição do sujeito enunciador.

A partir da análise da escrita das dissertações, procurou-se evidenciar que, embora a seleção lexical não constitua, em si, marca de subjetividade, sua importância é relevante para a constituição do sujeito que enuncia manipulando o código para a produção de efeitos de sentido, como: “porta-voz”, “tradutor” e “autor”.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. Heterogeneidade Enunciativa. Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas: Editora da UNICAMP, n. 19, p. 25-42, jul. /dez. 1990.

_____. Paradas sobre Palavras: a língua em prova na enunciação e na escrita. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre. V. 36, n.3, p.651 – 679, Set/Dez., 2011. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/18488/14346>.

Acessado em 30 de setembro de 2012.

BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução Michel Laud, Yara F. Vieira. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

FABIANO, S. A. A prática da pesquisa como sustentação da apropriação do conhecimento na graduação em Letras. Tese de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa. Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2007.

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 1990.

_____. *Semântica do Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. 4^a ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997

RIOLFI, C. Lições da coragem: o inferno da escrita. RIOLFI, C.; BARZOTTO, V. H. (orgs). *O inferno da escrita: produção escrita e psicanálise*. São Paulo: Mercado das Letras, 2011, p. 11-31.